

# INTOLERÂNCIA

João Marcos Varella - 08/04/96

## A Intolerância na História

A questão da intolerância tem sua origem histórica nas manifestações religiosas. Um dos registros mais antigos de intolerância é o episódio do bezerro de ouro, relatado em Êxodo 32:26.

Aarão, irmão de Moisés, construiu um bezerro de ouro, o deus Apis, na véspera do dia que Moisés desceu da montanha. Moisés reduziu a estátua a pó e mandou matar 23 mil pessoas.

Já o Império Romano convivia com inúmeros cultos, dos quais apenas o judaísmo e o cristianismo sobreviveram até nossos dias. Essas duas religiões não toleravam outros deuses e menos ainda o imperador divino e assim acabaram perseguidas por um Estado que tolerava todas as religiões<sup>1</sup>.

O cristianismo a partir do ano 325 definiu seus dogmas e passou a perseguir seus antagonistas como hereges. Esta prática de intolerância continuou por séculos, principalmente durante a idade média através da Santa Inquisição.

Mais tarde, no século XVI veio a Reforma tendo como principal característica ideológica o livre exame, isto é a liberdade de consciência contrapondo-se à Inquisição que preservava a unidade da Igreja através da repressão. Segue-se um período de forte intolerância, de parte a parte, com perseguições e guerras religiosas. Nesse cenário nasceu a palavra tolerância.

Ruben Alves diz que práticas inquisitoriais é o conjunto de procedimentos institucionais cuja função é identificar e eliminar o pensamento divergente, e continua, o fato histórico é que as práticas inquisitoriais continuaram em operação no Protestantismo, contrariando suas proposições de liberdade e livre exame.

Segundo Weber, um dos fatores que no século XVI favoreceu o desenvolvimento da tolerância religiosa foi o mercantilismo, através do contato com outros povos, troca e circulação das idéias e dos bens intelectuais, particularmente na Holanda no século XVII.

Em 1685, Locke, pai do liberalismo doutrina política, estava no exílio na Holanda, e impressionado com a liberdade religiosa, escreve "Cartas sobre a Tolerância"<sup>2</sup>. Na sua obra discorre sobre a separação entre a Igreja e o Estado e preconiza o respeito à liberdade individual, principalmente a liberdade de pensamento e pretende protegê-la limitando os poderes do Estado.

Antes de Locke, Espinoza, em 1665 escreveu o Tratado de Teologia e Política, onde, o cap. XX tem como título: "onde se demonstra que num estado livre é lícito a cada um pensar o que quiser e dizer aquilo que pensa". Espinoza é ora considerado ateu, ora materialista, ora místico panteísta, e ora espiritualista. Expulso pelos judeus e desprezado pelos cristãos - católicos e protestantes, defende o radicalismo da razão livre e da alegria de pensar sem submissão a qualquer poder constituído.

Na Inglaterra em 1679 o Parlamento vota o Habeas Corpus Act protegendo os cidadãos de detenções arbitrárias e assegurando a liberdade pessoal. A Revolução Gloriosa de 1688 derruba Jaime I, assume Guilherme d'Orange, que promulgou o Edito de Tolerância e em 1692, assinou a "declaração de hostilidade a toda perseguição religiosa." Com o apoio da Holanda se instala uma monarquia constitucional com um Parlamentarismo moderno a partir de 1701

O século XVIII na França caracterizou-se por profundas perseguições religiosas. Foi também o século das Luzes, onde mais do que nunca a atividade intelectual brilhou em defesa da liberdade, pela separação entre a Igreja e o Estado, e pela independência entre a ciência e a Igreja.

Voltaire<sup>3 4</sup> através da obra Tratado sobre a Tolerância<sup>5</sup>, inicia uma campanha popular que repercute na opinião pública. Sua obra é um tratado sobre a liberdade de pensamento.

Publicado em 1763, relata o caso de Jean Calas, condenado à morte acusado da morte do filho. Era uma família huguenote - o calvinismo francês. Transformou-se numa grande campanha publicitária - uma ação inédita, que mobilizou a opinião pública, conceito ainda não existente, numa realidade que não admitia oposição. A questão da tolerância era tratada como uma concessão da autoridade ao indivíduo enquanto

<sup>1</sup>Childe, Gordon V. - O Que Aconteceu Na História

<sup>2</sup>Locke, John - Carta sobre a Tolerância - Edições 70, 1987, Lisboa

<sup>3</sup>Lepade, Pierre - Voltaire, Nascimento dos Intelectuais no Século das Luzes, Jorge Zahar Editores, 1995

<sup>4</sup>Durant, Will e Ariel - A Era de Voltaire, Editoras Record, 2a Ed, 1993

<sup>5</sup>Voltaire, Tratado sobre a Tolerância - Martins Fontes, 1993.

entidade privada, pois na esfera pública submetida ao Estado, prevalecia a religião do soberano. Coube ao Iluminismo fazer da tolerância um princípio de ordem geral, imposto pela razão, inerente à natureza humana.

A modificação da legislação em 1787, um Editó de tolerância, traz as primeiras vitórias. Os Direitos só virão em 1789 com a Declaração dos Direitos do Homem: "... que ninguém deve ser importunado por suas opiniões, inclusive religiosas, contanto que sua manifestação não perturbe a *ordem pública estabelecida pela lei*". A tolerância só veio com uma ruptura social: a Revolução Francesa<sup>6</sup>.

Voltaire, mais do que um Tratado sobre a Tolerância, desenvolve a substância de um tratado sobre a liberdade de pensar: "*A tolerância é a conseqüência necessária do conhecimento que somos falíveis: errar é humano e todos nós cometemos permanentemente erros. Por isso devemos desculpar uns aos outros as nossas tolices. É esse o fundamento do direito natural*", e em outro momento: "*É a fraqueza dos homens, aí incluída a da razão, que torna necessária a tolerância, pelo fato de sermos todos fracos, inconstantes, sujeitos à instabilidade, ao erro, nos devemos tolerar mutuamente. Face ao fanatismo e à intolerância, à doença contagiosa que é a superstição, às paixões e ao entusiasmo - essa peste da alma - o espírito filosófico é o único remédio que, difundido gradativamente, abrandará enfim os costumes dos homens, e previne os acessos do mal*".<sup>7</sup>

Depois de Voltaire<sup>8</sup> e do Iluminismo como um todo, passa a ocorrer uma mudança na consciência dos direitos sobre a cidadania. "*Não é a tolerância que reclamamos, é a liberdade*" são palavras do pastor Rabaut Saint-Étienne (1743-1793) Dessa forma, a tolerância passa a ser mal vista, passa a ser considerada uma palavra injusta que apresenta cidadãos como dignos de piedade, como culpados, aos quais se perdoa, porque pensam diferente da maioria de seus contemporâneos. E assim, no final do século das Luzes, o conceito de liberdade-tolerância evolui para liberdade-igualdade.

Os séculos XVII e XVIII trouxeram novas causas para perseguições, crueldade e terror além da religião: nacionalidade, raça, ortodoxia, e política.

A conclusão desta introdução histórica, é que a questão da tolerância, inicialmente restrita aos conflitos religiosos, adquiriu durante o Iluminismo um carácter de campanha pública, Voltaire publicou 350.000 folhetos distribuídos por toda a França, e a tolerância teve sua conceituação filosófica desenvolvida, principalmente na questão da separação entre Igreja e Estado, e também na esfera do formalismo nas instituições políticas e jurídicas.

Apesar disso, a questão persiste e continuam diversas modalidades de perseguições. Como dizia Mirabeau, "A palavra Tolerância me parece de certo modo tirânica, uma vez que a autoridade que tolera poderia também não tolerar. Também Lord Stanhope pronunciou-se dizendo no Parlamento: "houve um tempo em que os dissidentes invocavam a Tolerância como uma graça; hoje os mesmos a invocam como um direito, mas virá o dia em que a desdenharão como um insulto."

### **Evolução do conceito de tolerância**

Os significados comuns de tolerância tais como capacidade de suportar, resistência, paciência, sofrimento, piedade, cumplicidade, permeabilidade, assimilação, indulgência, respeito, acolhimento, não correspondem à evolução do conceito, que desde o século XVIII evoluiu para liberdade de expressão e de opinião. Passamos então a investigar como a questão da tolerância é abordada no século XX, na esfera da política ciência, religião, psicologia e filosofia.

### **Na Política**

Na política Popper<sup>9</sup> <sup>10</sup> aponta o paradoxo da tolerância: uma sociedade que admite ilimitada tolerância talvez venha a desaparecer e a tolerância com ela. Marcuse<sup>11</sup> <sup>12</sup> critica a tolerância das democracias industriais avançadas, que na verdade controlam a expressão das opiniões da minoria. Wolff<sup>13</sup> argumenta que o pluralismo político é a etapa mais alta do capitalismo industrial. É possível concluir que no âmbito político a tolerância implica no pluralismo político, no respeito e liberdade de manifestação, em equidade e representatividade das minorias.

<sup>6</sup>Manfred, A - A Grande Revolução Francesa, 2a. Ed., Ícone, 1986.

<sup>7</sup>Voltaire, Dicionário de Filosofia, Os pensadores, Editora Abril, 1973.

<sup>8</sup>Voltaire, Deus e os Homens, Martins Fontes, 1995

<sup>9</sup>Popper, Karl - Tolerância e Responsabilidade Intelectual, in Sociedade Aberta e Progresso, Publicações Dom Quixote, 1991.

<sup>10</sup>Magee, Bryan - As idéias de Popper - Editora Cultrix - 1974

<sup>11</sup>Macintyre, Alasdair - As Idéias de Marcuse, Cultrix, 1973.

<sup>12</sup>Marcuse, Herbert - Tolerância Repressiva, in Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970.

<sup>13</sup>Wolff, Robert Paul - Além da Tolerância in Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970

Aqui já identificamos um forte conflito entre a realidade e a liberdade de expressão, uma forte contradição entre a evolução do conceito e a prática.

### **Na Ciência**

Na ciência: Moore, Jr<sup>14</sup> diz que a ciência é tolerante com a razão e incessantemente intolerante com o irracional e o falso. A ciência tem uma longa história de resistência ao conhecimento, de fechamento em dogmas<sup>15</sup>, até mesmo de desvios por racismo.<sup>16</sup> Uma ciência livre de preconceitos, fanatismos e superstições não deverá se comportar dogmaticamente sob pena de estar resistindo ao seu próprio progresso.

É interessante verificar que mesmo no âmbito da ciência se encontram até hoje barreiras à liberdade de pensamento, quando, em contraste, no século XVIII se acreditava que o desenvolvimento da ciência traria o progresso e a salvação da humanidade.

### **Na religião**

Muito já foi dito sobre tolerância na religião, mas como diz Rubem Alves<sup>17</sup>, *“a pretensão de posse da verdade torna impossível a tolerância”*. E ainda conforme Baubérot<sup>19</sup>, *“no advento da tolerância religiosa é a liberdade de pensar, de imprimir, de publicar que se achava igualmente em jogo”*. Não é difícil concluir que a tolerância como estamos estudando, não é compatível com dogmatismos.

Todos os dias convivemos com notícias de fanatismos e suas consequências. É desnecessário insistir que a intolerância nesta área continua de diversas formas, frequentemente resultando em conflitos armados.

### **Na Psicologia**

Quanto à visão psicológica<sup>20</sup>, predomina o conceito de que a intolerância revela-se como um fenômeno natural, uma figura da agressividade instintiva do homem, figura intacta apesar da civilização e que seria ilusório julgar desaparecida ou policiada. As características psicológicas mais importantes da cultura são a dominação do intelecto sobre a vida pulsional e a interiorização da tendência à agressão. Uma ética assim interiorizada seria capaz de limitar a intolerância.

Isto significa que com o processo de convívio social, o indivíduo desenvolve mecanismos de controle sobre seus impulsos agressivos e sobre sua intolerância natural.

Para Freud, a intolerância é a expressão de um narcisismo, e num estado de angústia infantil, a intolerância associa o estranho ao hostil. Ele analisa o vínculo social a partir do narcisismo o que permite pensar de uma nova maneira a intolerância de um grupo, sua agressividade e seu fanatismo. *“A violência contra o que aparece como diferente, logo ameaçador, procederá não apenas de um desejo de dominação ancorado na natureza humana mas igualmente de uma exaltação artificial suscitada pelo sentimento de haver compensado em definitivo as carências”*.

Em outras palavras, existe um desejo de dominação inerente ao homem e também uma busca de ser completo, sem carências. Quando ele se encontra diante de uma situação que contraria esses dois elementos, gera um sentimento de estar sendo ameaçado e diante desta suposta ameaça, a intolerância surge como uma defesa para não ser contrariado.

Mais uma vez e reduzindo o conceito a uma expressão mais simples, é inerente ao homem sentir suas limitações e interpretar como ameaça qualquer situação nova ou estranha que exponha sua limitação, reagindo com agressividade ou intolerância.

### **Tolerância como virtude**

Sobre a tolerância como virtude: Giannini<sup>21</sup> diz que é a *“disposição interior a acolher o estranho, o novo, sem perder a essência de sua unidade e de sua identidade, e continua: “A tolerância se “mede” pela capacidade de escutar e mesmo de absorver e se apoderar das idéias vindas de outras experiências.”*

*A dificuldade começa quando a idéia solicitante toca pontos nevrálgicos de certas “idéias cúmplices”, aquelas que, mantém a unidade e a consistência, portanto, tolerância é a capacidade de expor, de arriscar*

<sup>14</sup>Moore, Barrington, Jr - A Tolerância e o ponto de vista Científico, in Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970

<sup>15</sup>Abramczuk, André Ambrósio - O Mito da Ciência Moderna, Cortez Editora, 1981

<sup>16</sup>Lentin, Jean-Pierre - Penso, logo me engano. - Editora Ática, 1996

<sup>17</sup>Alves, Rubem - Protestantismo e Repressão, Editora Ática, 1979

<sup>18</sup>Alves, Rubem- Dogmatismo e Tolerância, Edições Paulinas, 1982

<sup>19</sup>Baubérot, Jean - Estratégias de Liberdade, in Tolerância, L&PM Editores, 1993, Porto Alegre.

<sup>20</sup>Coblence, Françoise - Ditadura da Razão, in Tolerância, L&PM Editores, 1993, Porto Alegre.

<sup>21</sup>Giannini, Humberto - Acolher a Estranheza, in Tolerância, L&PM Editores, 1993, Porto Alegre.

*essas idéias que chamamos “minhas” ou “nossas”, pôr-se no lugar de outrem, expor-se à força de outras razões, de outras motivações, argumentos que podem mostrar que nossos julgamentos mais profundamente arraigados não eram senão preconceitos e acolher o Outro sem perdermos a nós mesmos.”*

Aqui a tolerância é virtude: ao conceder, ao abandonar, se desfazer de suas antigas idéias. A tolerância ocorre essencialmente no diálogo.

### **Conclusão**

Como diz Nietzsche, *“a serpente que não pode livrar-se de sua pele perece. O mesmo acontece com os espíritos que não podem mudar suas opiniões. Cessam de ser espíritos.”* O homem resiste a idéias novas e sua primeira reação é conservar as idéias e valores conhecidos. Concluímos que por traz dessa palavra tolerância, encontramos a história de choques entre idéias novas e antigas, em violência proporcional ao dogmatismo de cada lado.

O progresso se constrói ou na medida em que o novo consegue que o antigo não se sinta ameaçado, ou por rupturas, que devem ser evitadas. *“O que fora inconcebível absurdo, ingênuo, perigoso e mesmo subversivo há poucos anos, torna-se agora plausível, sensato, ponderado e - dentro de poucos meses, política oficial”*<sup>(12)</sup>.

Nesse sentido, somente com este conceito de tolerância é que se torna possível a investigação constante da verdade.

Em defesa da própria segurança interior, muitas injustiças podem ser praticadas. Tolerância também é a virtude que se opõe à injustiça. O mundo em que vivemos está cheio de manifestações de fanatismo, de opressão, de falta de liberdade, de guerras étnicas, de miséria, um mundo cheio de intolerância, tanto a nível internacional como bem próximo de cada um de nós. O desenvolvimento da tolerância em cada um de nós, ao lado da luta pela liberdade de pensamento e expressão, deve estar acompanhado da indignação, para o combate a essas injustiças.

Além disso, é necessário estar em contato com esses mundos diferentes, pois, como aprendemos com o período do mercantilismo, foi assim que se desenvolveu a tolerância, convivendo com a diversidade, sem xenofobismo. Se pelo contrário, na direção oposta, como diz Sahel, *“um grupo, que cerra fileiras em torno de uma identidade real ou fictícia, contrai-se sobre seus ritos e tradições e caminha para o fanatismo. O resultado é a rejeição do Outro exterior, e o terrorismo com relação ao Outro interior.”*<sup>(21)</sup>

Concluímos com o pensamento de Sahel de que, Tolerância é *“admitir em outra pessoa uma maneira de pensar ou de agir diferente daquela que a gente mesmo adota”*.<sup>22</sup> Nas palavras de Comte-Sponville, *“Não há tolerância quando nada se tem a perder”*<sup>23</sup>. *O sectarismo, de religioso que era no início, tornou-se no século XX onipresente e multiforme, agora muito mais sob dominação da política do que da religião: daí o terrorismo, quando o sectarismo está na oposição ou o totalitarismo, quando está no poder. Se as opiniões são livres, independem de tolerância, são simplesmente respeitadas. Assim o respeito à liberdade religiosa, independe de tolerância. Tolerante é a virtude que se opõe ao fanatismo, ao sectarismo, ao totalitarismo, em suma...à intolerância.”*

Em síntese, é necessário incrementar a capacidade de aceitar o Outro, o que é um processo de desenvolvimento da maturidade emocional<sup>24</sup> adquirida na prática da convivência com o diferente, única forma efetiva de combater o fanatismo. Tolerar é o contínuo trabalhar a pedra bruta.

### **Bibliografia**

1. Abramczuck, André Ambrósio - O Mito da Ciência Moderna, Cortez Editora, 1981
2. Alves, Rubem A - Protestantismo e Repressão, Editora Ática, 1979
3. Alves, Rubem A. - Dogmatismo e Tolerância, Edições Paulinas, 1982
4. Bobbio, Norberto; Mateucci, Nicola; Pasquino, Gianfranco - Dicionário de Política, UnB, 8a. Ed, 1995
5. Chauí, Marilena - Espinoza, uma Filosofia de Liberdade, Editora Moderna, 1995
6. Childe, Gordon V. - O Que Aconteceu na História, Zahar Ed, 1960
7. Claret, Martin - O Pensamento Vivo de Voltaire, Martin Claret Editores, 1992
8. Comte-Sponville, André - Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, Martins Fontes, 1995

<sup>22</sup>Sahel, Claude - Tolerância, por um humanismo herético, L&PM Editores, 1993, Porto Alegre

<sup>23</sup>Comte-Sponville, André - Pequeno Tratado das Grandes Virtudes, Martins Fontes, 1995

<sup>24</sup>Goldman, Daniel - Emotional Inteligence

9. Durant, Will - A Filosofia de Espinoza, Tecnoprint,
10. Durant, Will - História da Filosofia, Nova Cultural
11. Durant, Will e Ariel - A Era de Voltaire, 2a. Ed, Ed Record 1993
12. Durozoi, Gérard e Roussel, André - Dicionário de Filosofia, Papyrus, 1993
13. Espinoza - Abril Cultural 1983
14. Espinoza - Tratado Teológico-Político, Imprensa Nacional, Lisboa, 1988
15. Falcon, Francisco José Calazans - Iluminismo, Editora Ática, 1991
16. Goldman, Daniel - Inteligência Emocional. Ed , 1996
17. Laduire, Emmanuel Le Roy - O Estado Monárquico, França 1460 - 1610, Cia das Letras, 1994
18. Lentin, Jean-Pierre - = Penso logo me engano, Ed Ática, 1996
19. Lepape, Pierre - Voltaire, Nascimento dos Intelectuais no Século das Luzes - Jorge Zahar Editor - 1995
20. Locke, John - Carta sobre a Tolerância, Edições 70, Lisboa, 1987
21. MacIntyre, Alasdair - As idéias de Marcuse, Cultrix - 1970
22. Magee, Bryan - As idéias de Popper, Cultrix, 1974
23. Manfred, a. - A Grande Revolução Francesa, 2a. Ed, Ícone, 1986
24. Maurois, Andre - Voltaire, Livraria Martins Editora
25. Nascimento, Maria das Graças S. do - Voltaire a Razão Militante, Editora Moderna, 1993
26. Popper, Karl - Tolerância e Responsabilidade Intelectual, in Sociedade Aberta Universo Aberto, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991
27. Sahel, Claude, organizador - Tolerância, por um humanismo herético, L&PM Editores, 1993
28. Voltaire - Cartas Inglesas, Tratado de Metafísica, Dicionário Filosófico, O Filósofo Ignorante, Abril Cultural, 1973
29. Voltaire - Deus e os Homens - Martins Fontes, 1995
30. Voltaire - Memórias, Imago, 1995
31. Voltaire - Tratado sobre a Tolerância, Martins Fontes, 1993
32. Wolf, Robert; Marcuse, Herbert - Crítica da Tolerância Pura, Zahar, 1970

08/04/96